

O USO DE MODALIZADORES EPISTÊMICOS NO GÊNERO COMENTÁRIO ONLINE

THE USE OF THE MODAL EPISTEMIC IN GENRE ONLINE COMMENT

Eliane Pereira dos Santos¹

Resumo: Partindo da afirmação de Neves (2010) de que todos os enunciados são modalizados, marcados pelo falante, questionamos como é possível a partir da materialidade textual identificar as marcas enunciativas do locutor acerca do seu ponto de vista sobre o dito. O objetivo desse artigo é analisar as marcas linguísticas que explicitam os graus e os modos de expressão da modalidade no eixo do conhecimento (epistêmica) na produção de comentários on-line sobre notícias. A modalidade epistêmica caracteriza no discurso o saber ou a crença do falante em relação ao que é dito, qualifica o grau de comprometimento do falante em relação a esse dito. Na modalização epistêmica, o locutor pode se manifestar de forma subjetiva, apontando para uma verdade relativa às suas crenças e opiniões, manifestando-se em primeira pessoa, ou de forma objetiva, apontando para um continuum de possibilidades/verdades que são socialmente compartilhadas. A modalização epistêmica pode se situar num continuum que vai de um extremo de verdade absoluta à noção de possibilidade. O corpus escolhido para a análise é constituído de comentários acerca de notícias divulgadas no jornal Meio Norte sobre o assassinato da jovem Fernanda Larges em Teresina-PI. Para uma maior consistência teórica, além da autora já citada, fizemos uso de Cervoni (1989); Lima (2010); Neves (1996). A pesquisa, dentre outras coisas, nos possibilitou perceber que no gênero comentário temos uma grande ocorrência de modalizadores epistêmicos que visam explicitar a crença do falante diante do que enuncia.

Palavras-chave: Modalidade epistêmica; Comentário; Conhecimento.

Abstract: Starting from the assertion Neves (2010) that all statements are modalizados because the speaker brand somehow your say. So how can the question of materiality from text to identify the marks of enunciation of the speaker about his views on the said. The aim of this paper is to analyze the linguistic marks that explain the degrees and modes of expression of modality in the axis of knowledge (epistemic) in the production of online comments about news. The epistemic modality characterizes the discourse knowledge or belief of the speaker in relation to what is said, qualifies the speaker's degree of impairment in relation to this saying. In epistemic modality the speaker can manifest itself in a subjective way, pointing to a truth concerning their beliefs and opinions, manifesting itself in first person, or deforms objective, pointing to a continuum of possibilities / truths that are socially shared. The epistemic modality may lie on a continuum that goes from one extreme of absolute truth to the notion of possibility. Given our objective, the corpus chosen for analysis will consist of comments on news published in the journal North Half of the murder of the young Fernanda Larges in Teresina-PI. To a greater theoretical consistency, and the author already quoted, we used Cervoni (1989), Lima (2010). Neves (1996). The research, among other things, enabled us to realize that the genre we review a large occurrence of modal epistemic aimed to clarify the speaker's belief that before the states.

Keywords: Epistemic modality; Comment; Knowledge

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina, Brasil, e-mail: enaile.san@hotmail.com

1 Introdução

Partimos do fato de que não há um consenso no campo linguístico em relação ao estudo das modalidades, haja vista a diversidade das abordagens dadas a esse tema nesse campo. Em função dessa diversidade de abordagens, há certa flutuação em relação ao conceito de modalidade, bem como dificuldade de se estabelecer uma tipologia das modalidades, o que resulta em diferentes tipos de nomenclaturas. Não é interesse nosso nos determos nessas diferentes abordagens e classificações. Delimitamos este trabalho à modalidade epistêmica que é aquela relacionada ao eixo do conhecimento. Outra delimitação feita consta da escolha do *corpus* a ser analisado e, simultaneamente, da situação de interação.

A fim de alcançarmos nosso objetivo, que é analisar as marcas linguísticas que explicitam os graus e os modos de expressão da modalidade no eixo do conhecimento (epistêmica), selecionamos como *corpus* comentários feitos sobre notícias que tratam do assassinato da jovem Fernanda Lages em Teresina-PI, divulgadas no jornal *Meio Norte*. A escolha do *corpus* se deu devido à situação de interação e diálogo que esse gênero proporciona entre textos (notícia/comentário) e entre os interlocutores (leitores das notícias).

Dentre os principais autores que utilizamos como fundamentação teórica, temos Neves (1996, 2010); Koch (2006, 2008); Cervoni (1989); Lima (2010). O referencial teórico utilizado trata dos processos de modalização numa perspectiva linguística que considera a inexistência de enunciados não-modalizados. Os autores citados também ressaltam a importância de se estudar as modalidades em situações reais de interação.

2 Modalidade

Ao interagir com o outro e com a linguagem, o usuário da língua recorre a recursos linguísticos e expressivos para colocar em prática seus objetivos numa dada situação comunicativa. Segundo Koch (2008), a linguagem oferece ao falante todos os mecanismos necessários para interagir argumentativamente com seu interlocutor, de maneira a obter dele determinadas ações.

Cervoni (1989) explicita que a modalização já era estudada desde a idade média pelos gregos e pelos latinos. Nesse período, já se fazia a distinção entre duas partes constitutivas dos

enunciados: modalidade e conteúdo proposicional. Ele ainda aponta que o conceito de modalidade, embora tenha surgido entre os lógicos, com o passar do tempo, também passou a ser foco de linguistas. Na linguística contemporânea, a questão das modalidades tem se apresentado com grande diversificação e enriquecimento da descrição das operações que modelam um enunciado, e assim surge a problemática da delimitação das modalidades, pois há diferentes abordagens e classificações no estudo da modalização. Neves (2010, p. 151) converge com o pensamento do autor referenciado acima, afirmando que:

Os estudos sobre modalidade são de notável diversidade, de um lado porque varia a própria conceituação dessa categoria, de outro porque varia o campo de estudo, de outro, ainda, porque variam as orientações teóricas, e finalmente, porque se privilegia ora um ora outro tipo de modalidade.

Assim percebemos que o estudo das modalidades é um campo muito amplo, que favorece diferentes abordagens, seja de conceituação, classificação ou perspectiva teórica. Isso enfatiza o dinamismo e complexidade da modalização na linguagem.

Cervoni (1989) diz que o conceito de modalidade é definido pela possibilidade do locutor se marcar como enunciador. Ele afirma que numa análise semântica o conceito de modalidade abrange um dito e uma apreciação, ou seja, um ponto de vista do enunciador sobre o dito. Podemos dizer que a modalidade é a manifestação linguística que marca um posicionamento do enunciador na materialidade textual, a fim de alcançar determinados objetivos. É o modo como se diz algo.

Para Culioli (1998, apud FLORES, SILVA, LICHTENBERG et al., 2008), a teoria da enunciação tem como objeto o enunciado, visto não como ato individual, mas como um agenciamento de formas, ou seja, segundo ele os mecanismos enunciativos podem ser analisados no quadro de um sistema de representações formalizáveis, de modo que as marcas modais são sempre explícitas no nível da textualidade. Para Culioli, o valor modal de um enunciado caracteriza o ponto de vista do sujeito enunciador sobre aquilo que se enuncia.

Neves (2010) aborda o conceito de modalidade procurando, inicialmente, mostrar que não há um consenso teórico em relação a algumas definições desse campo. Ressalta o fato de haver alguns questionamentos acerca da existência ou não de enunciados que não tenham marca explícita de modalização, bem como questionamentos sobre estabelecimentos de

fronteira entre a Lógica e a Linguística. Em relação ao primeiro questionamento, a autora adere à ideia de que todo enunciado é modalizado, dizendo:

Pode-se dizer que se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não-modalizados. Do ponto de vista comunicativo-pragmático, na verdade, a modalidade pode ser considerada uma categoria automática, já que não se concebe que o falante deixe de marcar de algum modo o seu enunciado em termos de verdade do fato expresso, bem como que deixe de imprimir nele certo grau de certeza sobre essa marca. (NEVES, 2010, p. 152)

Assim, a noção de modalidade adotada nesse trabalho converge com o pensamento da autora citada acima no tocante à crença de que todo enunciado é perpassado por marcas modais, uma vez que o falante utiliza os recursos linguísticos para materializar suas intenções, dentre elas o grau de comprometimento ou não em relação ao seu enunciado, a fim de causar determinados efeitos de sentidos.

2.1 Modalidade epistêmica

A modalidade epistêmica pode imprimir um valor de certeza no qual o locutor compromete-se com a verdade ou falsidade do conteúdo daquilo que diz. Ela é, assim, orientada para o sujeito da enunciação, uma vez que evidencia o seu comprometimento com o que ele diz, com suas crenças e opiniões. Esse tipo de modalidade diz respeito ao julgamento humano e marca o domínio do certo, do saber, da crença, situando-se no eixo do conhecimento, ou seja, relaciona-se com o conhecimento que se tem de algum fato. Para Neves (2010), a modalização epistêmica que envolve a atitude do falante (dúvida, crença, certeza etc.) relaciona-se com a fonte do conhecimento, com a qual o falante pode estar comprometido ou não.

Pelo fato de não se comprometer, ou seja, de não se responsabilizar com a fonte da verdade do dito, temos o valor de possibilidade/dúvida em que o locutor não se compromete com a verdade ou falsidade do conteúdo do seu enunciado, por não possuir conhecimentos prévios que lhe permitam fazê-lo, ou por motivos pragmáticos. Muitas vezes, enunciar sem responsabilizar-se epistemicamente pode ser um recurso discursivo que o locutor utiliza para alcançar determinados efeitos de sentidos, ou atender certos objetivos. Em meio a esses dois extremos de engajamento ou não com a verdade ou falsidade do dito, temos diferentes

recursos modais no eixo do conhecimento que atenuam ou enfatizam o comprometimento, isto é, podemos então falar de graus de modalidade epistêmica, o que converge para o nosso objetivo, que dentre outros aspectos, busca analisar as marcas linguísticas que explicitam intenções, sentimentos e atitudes do locutor, tendo em vista os modos de expressão da modalidade no eixo do conhecimento (epistêmica).

Sobre os modalizadores epistêmicos, Koch (2006, p. 136) diz que “eles assinalam o grau de comprometimento/engajamento do locutor em relação ao seu enunciado, o grau de certeza com relação aos fatos enunciados.” A mesma autora ainda ressalta que esses processos de maior ou menor engajamento diante do que se diz, dependem das intenções do enunciador na situação de interação. Isso nos remete ao fato de que as marcas modais surgem no processo de interação como meio de expressão que procura colocar em prática uma intenção do locutor em expor ou não sua certeza diante do que enuncia.

A modalidade epistêmica tem como origem o falante que, a partir de sua posição enquanto enunciador, evidencia se a proposição enunciada é verdadeira ou não, ou seja, ao locutor cabe a possibilidade de isenção em relação à certeza do conhecimento ou de comprometimento em função desse grau de certeza. Não podemos deixar de enfatizar que essas escolhas de atenuação ou ênfase sobre a verdade do enunciado envolvem elementos pragmáticos, ou seja, dependem dos efeitos de sentido que se pretende alcançar por meio da linguagem. Os modos e graus de certeza no eixo do conhecimento podem ser expressos de forma objetiva ou subjetiva, dando origem, assim, à modalidade epistêmica objetiva e à modalidade epistêmica subjetiva.

2.1.1 Modalidade epistêmica objetiva

A modalidade epistêmica objetiva está relacionada a um conhecimento que não está centrado no enunciador, mas que se subtende que seja um conhecimento partilhado pela comunidade da qual o falante faça parte. Diante disso, o falante situa seu discurso numa escala de possibilidade que vai de algo absolutamente possível, a algo duvidoso, dentro de um grupo social. Para Neves (1996), quando a qualificação epistêmica se apresenta independente da avaliação do falante, este não se constrói em primeira pessoa, o que significa que ele se coloca fora do enunciado, transferindo para fora do eixo do falante a responsabilidade pela veracidade ou não do dito. Ainda segundo a mesma autora com a

modalização epistêmica objetiva o falante dá maior autoridade as suas declarações, pois elas não estão situadas no âmbito de suas crenças pessoais, mas remetem a um conhecimento mais amplamente aceito com verdade.

2.1.2 Modalidade epistêmica subjetiva

A modalidade epistêmica subjetiva está relacionada a um conhecimento centrado no eu enunciador, que atribui ao conhecimento determinado valor de verdade ou possibilidade de vir a ser, que é particular do falante. Por meio desse tipo de modalidade o falante marca seu comprometimento ou não com a verdade daquilo que é dito. Nele, é comum serem empregados verbos de crença ou de opinião em primeira pessoa (acredito, penso, creio, etc.), o que possibilita ao locutor isentar-se da certeza do conhecimento daquilo que é enunciado. Segundo Neves (1996), a incerteza expressa por essa modalidade não gera descrédito do enunciador frente ao que diz, ao contrário, o enunciador acabar por se beneficiar, adquirindo crédito frente ao seu interlocutor, pois passa a imagem de honestidade ao não assumir uma verdade social, mas apenas, externar sua opinião individual, particular. Esse recurso modal de assumir suas dúvidas como faz o locutor ao utilizar os verbos de opinião e de crença pode implicar uma estratégia discursiva do locutor para se beneficiar do crédito de honestidade. A esse respeito, Neves afirma que: “confessando suas dúvidas e incertezas, o sujeito enunciador, ao invés de perder, ganha em credibilidade; desse modo, essa confissão constitui uma astúcia discursiva, já que, graças a ela o enunciador se beneficia de um crédito de honestidade. (NEVES, 1996, p. 186)”

3 Análise dos dados

Os enunciados que constituem o *corpus* desse artigo foram retirados da *internet*, do portal do jornal *online Meio Norte* e constitui-se de vários comentários acerca das notícias sobre o assassinato da jovem Fernanda Larges em Teresina- PI.

As análises aqui evidenciadas são frutos de uma tentativa de verificar os modos e graus de modalização que se manifestam por meio de marcas linguísticas que explicitam dúvidas e certezas do locutor em relação ao seu enunciado em situações reais de interação. No *corpus* pesquisado, os leitores direcionam seus comentários à própria notícia ou a comentários já feitos sobre essa notícia, de modo que se percebe um processo interativo que tem a notícia como

achar indica uma opinião pessoal do falante em relação ao fato enunciado, constituindo-se numa modalização subjetiva. Neves (2010) considera esse verbo e outros semelhantes, tais como *acredito*, *penso*, *creio*, como sendo verbos de significação plena, indicadores de opinião, crença, ou saber. Esse tipo de verbo que carrega em si a manifestação de uma opinião é considerado como modalizadores explícitos. A autora chama a atenção para o fato de que esses verbos para serem considerados modalizadores potenciais, devem ser enunciados em primeira pessoa.

É interessante verificar que o uso da modalização está interligado com o contexto no qual o enunciado é produzido. A opinião do enunciador, nesse caso, instaura o não comprometimento total do enunciador diante do que está sendo dito, até mesmo em decorrência do próprio fato enunciado que é polêmico, e cheio de muitos pontos não resolvidos. Então, ele prefere se colocar também no *continuum* da incerteza, embora se perceba, logo em seguida, pelo seu tom irônico, que ele acredita plenamente no que está enunciando, mas que prefere não fazer uma afirmação que revele um grau maior de seu comprometimento com o dito, preferindo suavizar seu engajamento com o uso de um verbo de crença, que diz ser aquilo que o enunciador acredita, e não a afirmação de uma certeza em relação à verdade em si.

No enunciado (2), logo abaixo, temos a manifestação de um locutor que não deixa espaços para a dúvida e relativizações, ele é contundente em suas afirmações. Coloca-se como pessoa autorizada para avaliar o assunto e se posicionar diante dele com um grau máximo de certeza, sem tentar atenuar seu posicionamento. Mas ao mesmo tempo em que ele revela ter certeza de que nada acontecerá com os vigias envolvidos no caso, ele faz isso em primeira pessoa, o que acaba restringindo essa possibilidade para o âmbito da subjetividade, de modo que esse enunciador pode refutar a garantia da verdade absoluta do dito, dizendo “Eu expressei apenas minha opinião”, ou seja, nesse caso podemos ver que a expressão “Eu duvido” coloca o enunciado no campo da crença, mas próximo do grau da certeza, pois, quando alguém enuncia isso, acredita que seu enunciado pode ser validado como verdadeiro.

(2)“Meu caro se o assassino matou a filha de um vereador onde até a polícia federal se meteu no caso, imagina o que ele não fará com esses pobres coitados se abrirem o bico, **é claro** que esses pobres coitados sabem mais do que estão falando, mas **é claro** também que devem estar sendo ameaçados e **posso garantir** a você **DUVIDO** que caso venha algo a acontecer com eles

se a polícia federal investigar alguma coisa. **Uma coisa é certa** ela não se MATOU isso não resta menor dúvida.

O contexto extraverbal que envolve o fato enunciado é que fornece ao enunciador segurança para este sentir-se autorizado para atribuir um grau máximo de verdade ou não ao dito, diante de todos os acontecimentos, ele se fortalece de argumentos que julga serem necessários para fazer uma afirmação com alto grau de certeza, e conseqüentemente com alto grau de comprometimento.

A expressão grifada no enunciado (3) “Pois pode acreditar, depois desse relatório conclusivo sem conclusão, **pra mim pelo menos me parece** que não existem mais nenhuma dúvida de que foi assassinato.” revela um enunciador que não se sente totalmente confiante para afirmar com um grau maior de certeza o seu enunciado, precisando relativizá-lo. Com a expressão “para mim”, ele acentua a sua subjetividade, ou seja, marca o enunciado como sendo uma opinião dele próprio, e que por isso não se constitui numa informação que possa ser tomada no seu grau máximo de verdade, pois em seu enunciado é perceptível certa dúvida que o leva a usar a expressão para mim, denotando possível falta de consenso, e ainda mais, o verbo parecer por si só já não indica algo de ocorrência certa, realmente concretizada, mas sim, remete à dúvida.

Na expressão negritada no exemplo (4) “**Dizem que** esse vigia é evangélico, não sei se é verdade. Se for, o que será que esse rapaz vai dizer quando estiver diante de Deus ...”, temos a presença de um locutor que utiliza como recurso, para não se responsabilizar pelo dito, a introdução de outro enunciador, situando a informação no campo da dúvida, ao mesmo tempo em que retira de si a responsabilidade pelo dito, atribuindo-a a outro. Lima (2010) diz que esse procedimento de inserir outro sujeito enunciador é uma forma de o locutor distanciar-se da validação ou não validação da relação predicativa, ou seja, é uma maneira de não se responsabilizar pela validação do dito.

O autor do comentário chega a ser enfático, pois, além de atribuir esse dito a outra pessoa, ele ainda diz que não sabe se é verdade, passando o seu dito para o campo hipotético, usando a expressão “Se for”, então todo o enunciado é construído a partir da dúvida, o que não deixa espaço para a validação, mas apenas para a construção de hipóteses.

O mesmo recurso de atribuir a fala a um sujeito que não é o locutor, ou seja, o sujeito falante, pode-se verificar na expressão destacada no enunciado (5) “**Um dos vigias afirma que** a pessoa que acompanhava Fernanda Lages olhou para ele e o vigia não conseguiu

identificar se a mesma é um homem ou uma mulher. Foi o GASPAZINHO rrsrsrs.”, mas aqui, ao contrário do primeiro exemplo temos “um outro” mais específico, já que eram dois vigias envolvidos no caso. A fonte do conhecimento é relativamente explicitada, o que não ocorre no enunciado (4) que pode ser atribuído a qualquer pessoa.

Na primeira expressão negritada no enunciado (6) “**Não acredito** na competência da polícia do PI, **talvez** nem coletaram as provas de forma satisfatória, ou seja, destruíram...”, há o comprometimento pessoal do locutor com a afirmação feita, mas é a opinião dele, e não a validação de que a polícia seja realmente incompetente. O termo “talvez” usado na informação seguinte relativiza a segunda informação, até porque, nesse segundo caso, uma manifestação epistêmica com grau absoluto de certeza poderia implicar em consequências indesejadas para o enunciador, caso o dito não correspondesse realmente a uma verdade. Diante disso podemos perceber que a modalização epistêmica pode se constituir em meio eficiente para o locutor se isentar da responsabilidade de ser acusado como autor de determinadas afirmações.

O enunciado (7) “É claro que os vigias não querem se comprometer, vão continuar negando tudo.” apresenta uma modalização objetiva, na qual o locutor se coloca fora do dito, enunciando o fato em terceira pessoa e manifestando um grau de certeza em relação a uma informação que parece ser consensual, ou seja, compartilhada por todos e não restrita a uma opinião pessoal do locutor.

3.2 Graus de modalidade epistêmica no eixo do conhecimento

No eixo do conhecimento a avaliação epistêmica se coloca entre dois extremos: do totalmente certo ao menos provável, ou seja, o falante faz uso de diferentes recursos linguísticos para enfatizar ou relativizar o seu grau de comprometimento sobre o dito. Vale ressaltar que as escolhas de quais recursos modais serão utilizados dependerá de fatores tais como a intenção comunicativa do falante, de forma que a modalização não deve ser vista separada do contexto situacional em que é utilizada, como afirma Neves:

A avaliação epistêmica se situa em algum ponto do continuum que, a partir de um limite preciso, onde está o (absolutamente) **certo**, se estende pelos limites indefinidos graus do **possível**. A língua dispõe de uma série de expressões para relativizar os diversos pontos desse espaço, conforme convenha à intenção comunicativa. (NEVES, 1996, p.178)

Percebe-se, na fala da autora citada, a importância dada à intenção comunicativa, de modo que, vale enfatizar que os recursos linguísticos de modalização, geralmente, são escolhidos para atender a determinados objetivos pré-estabelecidos pelo enunciador, e que, no processo de interação, o interlocutor deve estar apto a perceber os efeitos de sentidos que essas expressões denotam. O falante, em meio a esse *continuum* de engajamento total, parcial ou nulo com o dito, responsabiliza-se ou se isenta da responsabilidade sobre aquilo que enuncia.

Analisaremos agora outros comentários sobre diversas notícias relativas ao assassinato da jovem Fernanda Larges. Neles buscaremos avaliar alguns recursos modais usados pelo locutor para colocar seu enunciado nesse *continuum*, que vai do menos provável ao grau máximo de verdade, acentuando ou distanciando o comprometimento do locutor com a proposição enunciada.

O enunciado (8) “[...] **Acho que é extremamente possível**, se os promotores já sabem quem foram os autores e não confiam na Cico, se faz necessário que eles tomem outras providências encaminhando a apuração para outras instituições e deixar a Cico de lado.” inicia com a manifestação de um enunciador que se expressa em primeira pessoa, registrando sua opinião sobre as investigações relativas à morte da jovem Fernanda Larges, mas essa opinião é acompanhada da não-certeza inerente ao próprio verbo, que situa o dito no campo do possível. O enunciador, por meio desse verbo de crença, revela suas dúvidas diante do fato enunciado, de modo que não se sente seguro para afirmar com certeza. Mas, nesse mesmo enunciado, a expressão “é extremamente possível” reforça a possibilidade de verdade do dito, sendo apresentadas assim duas modalidades diferentes num mesmo enunciado, enquanto o uso modal “acho” revela incerteza, a expressão seguinte já situa o enunciado num grau maior de certeza e precisão.

A primeira expressão negritada no exemplo (9) “**Eu tenho a impressão** que ela foi obrigada a pular de um penhasco, aí não ia ter indícios ou digitais para provar a morte. No mínimo. Porque **eu tenho certeza** que uma pessoa tão amada não ia se sacrificar” situa o enunciado no campo da dúvida em relação à possibilidade de Fernanda Larges ter sido obrigada a suicidar-se. É uma crença do locutor, mas que não pode ser tida como verdade absoluta. A expressão “eu tenho a impressão”, nesse contexto, revela a falta de conhecimento do locutor diante do fato enunciado, o que não lhe permite assumir um posicionamento firme em relação ao que diz, restando-lhe apenas tratar da informação no campo da impressão, isto

é, da dúvida. Mais à frente, no mesmo enunciado, o locutor diz: “Eu tenho certeza”, manifestando uma outra crença sua, mas que, embora enunciada em primeira pessoa, revela grau máximo de certeza subjetiva

O termo “evidentemente” que inicia o enunciado (10) “**Evidentemente** se esses delegados morassem num país de 1º mundo teriam mais facilidade para elucidar o crime. Teriam mais aparato tecnológico e talvez a cena do crime não teria sido contaminada como foi a do caso Fernanda. Cultura, meu caro!” indica uma certeza de grau máximo, sem espaço para dúvidas. É uma afirmação que garante que se atendida à condição de que se os delegados envolvidos nas investigações morassem num país de primeiro mundo teriam mais sucesso nas investigações.

Nos comentários (11) e (12), podemos visualizar duas maneiras diferentes da modalidade epistêmica se manifestar na relativização do possível, ou seja, existem diferentes formas de graduar o possível.

(11) “[...] **Seria pouco possível** que apenas declarar que não há dados telefônicos que liguem um dos acusados ao fato não é atestado de inocência, como aliás, quer fazer crer algumas autoridades”

(12) “É isso aí Jair. **É bem provável** que o Jivago seja o autor do crime. Pode não haver nenhuma pista que leve a isso, mas ele tá com medo demais pra ser inocente...”

Podemos visualizar duas maneiras diferentes da modalidade epistêmica se manifestar na relativização do possível. No enunciado (12), com o emprego da expressão modalizadora “é bem provável”, o locutor situa seu enunciado próximo do grau de certeza, enfatizando o termo provável com o advérbio “bem”, pois existe uma força maior de certeza em “é bem provável” do que em “é provável”. Neves (1996, p. 179) diz: “A língua oferece inúmeras possibilidades para graduar a relativização do possível dentro do continuum da avaliação epistêmica (graus de certeza).”

Essa relativização pode ocorrer por influência de diferentes fatores, como por exemplo, por não se ter conhecimento do fato enunciado, ou por não querer comprometer-se com a validação do que foi dito. Então, percebe-se que a modalização é um recurso linguístico que contribui para efetivação dos propósitos comunicativos do locutor, uma vez que este, ao enunciar, pretende que o seu interlocutor atribua um valor já pré-determinado, ou intencionado pelo próprio locutor. É uma forma de o locutor se proteger de possíveis reações

do interlocutor, ou seja, a modalização pode funcionar, como no exemplo (12), como garantia de não comprometimento total com a validação do dito, visto que, é menos comprometedor dizer “É bem provável que o Jivago seja o autor do crime”, do que “Eu sei que Jivago é o autor do crime”. No segundo caso, temos uma assertiva num grau máximo de certeza, com comprometimento total do locutor em relação à afirmação feita.

Podemos observar que no enunciado (13) “Não acredito na competência da polícia do PI, talvez nem coletaram as provas de forma satisfatória, ou já a destruíram. Esse crime não terá solução”, ao manifestar seu descrédito pela polícia, o locutor faz uma afirmação modalizada pelo termo “talvez”, recurso que, além de situar seu dito no campo da dúvida, minimiza sua responsabilidade diante do que foi dito. Mais à frente ele é contundente em sua afirmação de que o crime da jovem Fernanda Larges não terá solução, situando, portanto essa última fala no extremo da certeza. Mas, nesse caso, temos apenas uma assertiva, sem marca modal explícita. Mas o locutor poderia ter escolhido dizer, por exemplo: *Acho que esse crime não terá solução; Sei que esse crime não terá solução; Com certeza, esse crime não terá solução; É possível que esse crime não tenha solução*, dentre tantas outras possibilidades de uso de modalizadores capazes de inserir no enunciado o grau de comprometimento ou não do locutor com a verdade do fato enunciado, isto é, existem diferentes maneiras de se enunciar um mesmo fato. A língua oferece as possibilidades, e os usuários selecionam àquelas que melhor atendem suas necessidades comunicativas.

4 Considerações finais

Buscou-se verificar, neste trabalho, a importância dos modalizadores epistêmicos que mostram os graus de comprometimento do enunciador em relação ao dito como marcas linguísticas que contribuem para a construção do sentido do texto em situações reais de interação.

Nesta pesquisa, procuramos, além de analisar as marcas linguísticas, relacioná-las ao contexto em que a interação aconteceu (*Jornal online Meio Norte*), tendo em conta que os comentários analisados tratavam de um fato polêmico, que foi o assassinato da jovem Fernanda Larges. Assim, podemos inferir que, o conhecimento da situação em que os dados foram produzidos (contexto) foi relevante para se perceber o porquê das escolhas linguísticas que funcionam como modalizadores epistêmicos nos enunciados.

A análise realizada mostrou o quanto a língua dispõe de recursos linguísticos para materialização das intenções do falante que na tentativa de direcionar o modo como o seu enunciado será percebido pelo seu co-enunciador, seleciona os modalizadores que contribuirão para explicitar ou camuflar seu comprometimento diante do conhecimento de determinados fatos enunciados. Nesse sentido recorre a diferentes expressões linguísticas que funcionam como ferramentas capazes de manifestar o seu grau de engajamento com a verdade do que é dito.

Vimos que o grau de envolvimento do falante com o fato enunciado pode ser manifestado no campo da subjetividade, de modo que ele restringe o grau de verdade de seu conhecimento para o campo pessoal (primeira pessoa); ou também pode ser manifestado como modalidade objetiva, em que o falante assegura o grau de verdade de um conhecimento que julga não ser restrito dele, mas compartilhado pela comunidade na qual está inserido.

O gênero comentário *online* possibilita uma grande ocorrência de modalização epistêmica subjetiva, uma vez que ele se constrói a partir da manifestação do leitor diante do material lido, constituindo-se basicamente como um posicionamento avaliativo do locutor que intenciona manifestar sua opinião.

Referências

CERVONI, J. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.

FLORES, V. N. et al. **Enunciação e gramática**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2008.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.). **Gramática do Português Falado**. v. 6. Campinas: Editora da Unicamp/Fapesp, 1996. p.163-194.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2010.

LIMA, M. M. A. O ensino de gramática em uma perspectiva enunciativa. In: LIMA, M. M. A; ALVES FILHO, F.; COSTA, C. de S. S. M. da. (Org.). **Reflexões linguísticas e literárias aplicadas ao ensino**. Teresina: EDUPI, 2010. p. 231-253.

Data de recebimento: 30 de abril de 2012.

Data de aceite: 05 de julho de 2012.